

UM PAÍS CHAMADO BAHIA ANÁLISE DA SÉRIE BAHIA SINGULAR E PLURAL

Joiciléa Rodrigues Ribeiro¹

O ponto de vista mais fundamental, para se compreender a dinâmica cultural, é o produtivo, a cultura vista como um tipo muito especial da produção humana. Entendo cultura como produção material que abrange as referências simbólicas e as ações econômicas. Cultura em Gramsci é formada pelos costumes, valores, ideologia, tradição de uma população que dialeticamente se correlacionam com o modo de produção e força de trabalho.

A cultura, no entanto, é dinâmica e diversificada, podendo apresentar características diferenciadas dentro de um mesmo conjunto populacional. Para Benjamim, o desenvolvimento dessa dinâmica cultural se divide em quatro níveis indissociavelmente correlatos, que são: o nível da produção em si; o da conservação dos produtos culturais ligados à memória; o da circulação e difusão ligado à distribuição e comunicação dos produtos culturais e da recepção desses produtos, isto é, como são percebidos, absorvidos e consumidos pelo receptor.

Com isso percebemos que manifestações culturais envolvem todo um conjunto de apropriação simbólica e materiais para se desenvolver, não podendo ser compreendidas através de um olhar desconectado de sua dinâmica. Esse debate há tempos permeia os estudos da cultura, que se dividiam entre folcloristas e estudiosos da cultura popular. Mas atualmente, é quase consenso entre os estudiosos das manifestações populares considerar cultura popular e folclore como sinônimos. Entretanto, prefiro utilizar a expressão cultura popular, pois estaria mais próxima de ser entendida como cultura do povo, como ela realmente é. Entendo o povo como "o conjunto das classes subalternas e instrumentais de toda forma de sociedade até agora existente" (GRAMSCI, 1968, 184).

Para Jesus Martin Barbero a figura do povo legitima o poder dominante "na medida exata em que essa invocação articula sua exclusão da cultura" (BARBERO, 2003, 36); é essa exclusão que possibilitará a conceituação do povo pela sua negatividade. O povo será definido então pelo que lhe falta e essa ausência de cultura se ligará à idéia de povo inculto, portanto desprovido de capacidade de ação política do ponto de vista de uma ação racional.

Prefiro analisar o povo e sua cultura como parte integrante da dinâmica do processo social, em que a sua enunciação propõe uma cultura diferenciada em relação a outras formas de cultura presentes, como também uma cultura possuidora de permanente capacidade de renovação e re-elaboração.

Então, este trabalho propõe uma análise das manifestações da cultura popular da Bahia representada pela Televisão Educativa do Estado (TVE-BA), através da série Bahia Singular e Plural. Tentarei compreender como a televisão incluída como um meio de comunicação massivo pode se relacionar com a cultura popular.

Observando os estudos da comunicação, encontro duas correntes que estabelecem visões opostas sobre os meios de comunicação. A primeira, a corrente otimista, pode ser observada no

¹ Bacharela em História pela Universidade Católica do Salvador – UCSal, pós-graduanda do Curso de Especialização em Cinema Análise e Expressão / UCSal. E-mail: joicerodriguesribeiro@gmail.com.

pensamento de Marshall McLuhan, defendendo a emancipação do homem através da presença dos meios de comunicação de massa, já que essa é democrática, atingindo muitos indivíduos. Já Theodor Adorno, representando a segunda corrente, analisa com pessimismo o advento dos meios de comunicação de massa, prevendo uma perda na qualidade do homem, quando o consumidor, ao contrário de ser sujeito, passa a ser objeto na indústria cultural.

Para McLuhan a televisão é compreendida como um ambiente que propicia uma baixa orientação visual e alta participação, portanto é um meio frio que permite interação, pois não prolonga nossos sentidos sendo alimentada pela audiência dos expectadores que são socialmente sensibilizados para perceber os aspectos visuais do mundo em detrimento do sonoro. Os tipos de signo que a televisão circula, os tipos de mensagens que engendram e os tipos de comunicação que possibilitam são capazes não só de moldar o pensamento e a sensibilidade dos seres humanos, mas também propiciam o surgimento de novos ambientes sócio-culturais, segundo Santaella.

A televisão, na visão de Adorno, é uma indústria a serviço do sistema capitalista. Os estudos de crítica à indústria cultural procuram examinar como a sociedade se expressa através das suas várias mídias. Segundo Adorno, a crítica à indústria cultural constitui parte de uma teoria crítica da sociedade.

A discussão de televisão como indústria cultural se estende se colocamos em pauta as diferentes estratégias utilizadas pela tv comercial e pública para atrair os expectadores. A tv comercial se alimenta do mercado de consumo e tem como objetivo principal sua sustentação empresarial e lucratividade, ao lado de uma política de competitividade que hoje opera praticamente sem limites ou obrigações no que se refere ao seu conteúdo. A tv pública vem na contramão dessa corrente, se impondo como um veículo estratégico para a formação da sociedade, e com a premissa da programação de qualidade se diferencia por trazer a possibilidade de diversificação das opiniões, conteúdos e de tratar de todos os temas em localidades variadas.

Na Bahia o exemplo de tv pública se dá pela TVE, que é uma estatal pertencente ao Instituto de Radiodifusão Educativa da Bahia – IRDEB, órgão ligado à Secretaria de Cultura do Estado da Bahia. Faz parte do conjunto de 20 geradoras educativas que formam a Rede Pública de Televisão (RPTV), e através de 1000 retransmissoras levam a programação educativa para todo o Brasil. Na Bahia, a programação exibida é encabeçada pela Tv Cultura de São Paulo e a Televisão Educativa do Rio de Janeiro, que retransmitem suas produções mas incentivam a produção local freqüentemente exibida em rede nacional.

Na programação da emissora encontramos uma programação variada, desde programas jornalísticos e de entrevistas até séries experimentais de dramaturgia. Mas os documentários cada vez mais se tornam uma marca presente, a exemplo de Recôncavo na Palma da Mão, de 1997, que faz um mapeamento da cultura do povo do recôncavo baiano. Esse documentário impulsionou a criação da série Bahia Singular e Plural, produzida entre os anos 1997 a 2002 com 18 programas de duração média de 30 minutos, adotando uma estética documental.

Para realização desse trabalho a produção visitou 54 cidades do estado, que compreende 08 regiões culturais: Recôncavo, Sertões, Sertão de Canudos, Chapada, Oeste Sudoeste, Sul. A série foi inaugurada com o programa Burrinhas da Bahia, sendo seguido posteriormente pelos seguintes trabalhos: Nego Fugido, Ternos e Folias de Reis, Folias de Negros, Mestros Sagrados e Profanos, O Pequeno Mundo de Santa Brígida, Caretas e Zambiapungas, Chegança de Mouros, Luta de Mouros e Cristãos, Caboclos da Festa do Divino, Cantos do Trabalho, Bumba-meu-boi, Marujada, Índios no Sertão, Encontro de Reis/ Reisado Zé do Vale, Dança de São Gonçalo, Festa

de São Roque e Cosme e Damião. Agrupados por temáticas, estes documentários contam a história de cada manifestação cultural em diferentes cidades, onde os principais personagens são os moradores do local em suas atividades cotidianas. Se trata, portanto, de um registro audiovisual dessas manifestações, não podendo ser categorizado como montagem ficção, no entanto admite-se que em alguns casos foi necessária a utilização de recursos cênicos para efetuar o registro, devido ao fato das manifestações ocorrerem em diversas épocas do ano. O formato estético adotado foi o documental, onde temos a presença de um narrador, depoimentos dos participantes, estudiosos do assunto e um grande acervo de imagens de fotografias, filmes e do próprio local.

A realização desse trabalho se tornou possível devido a um entrelaçamento com a obra de Nelson de Araújo, que na década de 80 percorreu o interior do estado registrando e catalogando as manifestações populares. Seus registros deram origem ao livro: *Pequenos Mundos – Um panorama da cultura popular da Bahia*, subdividido em três tomos que compreendem as principais regiões do estado: Recôncavo, Litoral Norte/Nordeste e Sul da Bahia. Nesse livro, Araújo traz um levantamento minucioso a respeito dos folguedos populares, informando o leitor desde a localização geográfica das cidades, o calendário festivo de cada comunidade visitada, as cantigas, os adereços confeccionados e os aspectos históricos que originaram cada manifestação. Araújo afirma a existência de “um país chamado Bahia”, um Estado de muitas províncias, que possui um extraordinário potencial popular que se diferencia de cada região visitada. Ele nos conta que: A região Norte/Nordeste é marcada pela presença maciça de índios Kaimbés e Massacará, dos ternos de reis e do lundu, que “é o próprio samba, dançando sem passos desvoltos, em movimentos acelerados por uma só pessoa, geralmente homem no centro de uma roda de assistentes.” (ARAÚJO, 1986, 46). A comunidade de Santa Brígida é um evento à parte, pois se desenvolve em torno do seu fundador e padroeiro João Batista, que tem seu auge nos festejos juninos. No São Francisco o rio está no centro de quase todas as manifestações, através da marujada, que é uma figuração dramática representada por cantos que revelam a estrutura social da vida no rio; os índios Tuxá de Rodelas também são presentes na região e tem como principal rito o Toré, e encontramos também um genuíno drama popular brasileiro. A Chapada Diamantina é marcada pela presença do vaqueiro através do seu aboio, a chula, folias de reis e lutas de mouros e cristãos e a presença de comunidades negras em Morro do Chapéu. As manifestações acontecem nas ruas de forma teatral, são teatros de rua organizados sempre de forma coletiva, chegando a mobilizar todo um distrito e até cidades. Tem seu ponto auge nas festas, mas são preparadas anteriormente pela comunidade e possuem uma variação e estilos a depender do local envolvido, onde a influência religiosa e o tipo de matéria-prima para a confecção de adereços desenham as cenas apresentadas nas ruas das cidades.

Luiz Câmara Cascudo é um dos primeiros a trazer um levantamento sobre a cultura popular brasileira. Em seus diversos livros encontramos registros de manifestações plurais que são encontradas em todo o país e outras singulares pertencentes a cada região. Ele nos traz referências sobre os folguedos tradicionais, as comidas típicas, a religiosidade e a musicalidade, traçando um panorama diferenciado por cada população. Cascudo e Araújo, bem como Edison Carneiro e Mello Moraes Filho, trazem os primeiros registros da cultura popular brasileira e baiana, que se destacam por sua característica descritiva das manifestações valorizando os folguedos, o instante em detrimento da relação dinâmica que a cultura popular possui. Para fazer tal análise me apoio em estudiosos como Mikhail Bakhtin.

Para Bakhtin, as festas populares medievais "ofereciam uma visão do mundo, do homem e das relações humanas totalmente diferente, deliberadamente não-oficial, exterior à Igreja e ao

Estado; parecia terem criado ao lado do mundo oficial, um segundo mundo e uma segunda vida, .. (o que) ... criava uma espécie de dualidade do mundo" (BAKHTIN, 1999).

Verifiquei que algumas destas manifestações têm origem no período pré-colonial e sua existência se manteve devido a prática da oralidade entre as gerações. Mas, percebeu-se também que nem todas as manifestações exibidas na série se mantinham ativas, cabendo então à produção do programa estimular a reconstrução de alguns desses folguedos dentro da comunidade para serem apresentados nos programas. Isso se configura como uma interferência direta da comunicação de massa na cultura popular, pois a noção de tempo para essas comunidades está vinculada à natureza, é um tempo cíclico, onde os eventos são repetidos formando um cotidiano mais pausado, como é o caso do tempo do ciclo agrário, da sementeira à ceifa, com pausa para o descanso da terra, "a notação do tempo que surge nesses contextos tem sido descrita como 'orientação pelas tarefas. (...) (THOMPSON, 1998, 271-272). A cultura de massa, por sua vez, possuiria um outro fundamento e um outro tempo, que estaria intrinsecamente relacionado à urgência da substituição com vistas ao consumo. De acordo com Alfredo Bosi (1999: 8 - 9), nessa cultura aparece um tempo cultural acelerado: "o imperativo categórico desse tempo social é o da substituição ininterrupta de signos (...), e a montagem de bens simbólicos em ritmo industrial". Dentro da série, no programa Mestros Sagrados e Profanos a presença do ritmo do tempo se torna evidente à medida que acompanhamos visualmente a puxada de mastro de São Sebastião na cidade Olivença. Nesse documentário acompanhamos o processo da escolha da árvore que será cortada, que é feito no alvorecer, a convocação dos moradores, o corte da árvore, o almoço coletivo, a preparação do mastro com enfeites, o processo de erguer o mastro antes do entardecer e a festa em torno no mastro. Isso demonstra que há uma sistematização das ações, uma ordem coletiva e uma forma "tradicional" de realizar a festa, o tempo aqui é marcado pelo posicionamento do sol e o ritmo das ações segue esse relógio.

Em Cantos de Trabalho, o tempo é demarcado pela música que acelera o ritmo ou torna-o mais lento. A presença da música é um fator de grande importância para a realização dos folguedos, pois funciona como fator de aglutinação desde a construção dos instrumentos até a exibição ao público, realizando o processo de comunicação entre os habitantes. Compreendendo a sua importância, a Rádio Educadora, através do IRDEB, registrou e transformou em Compact Disk (CD) a musicalidade das manifestações culturais documentada pela série. Com isso, a televisão passa também a intervir no processo de patrimonialização da cultura baiana.

Mas todo esse trabalho se tornou possível à medida que a emissora teve por objetivo a regionalização. Percebida aqui como efeito da globalização, ancorada na idéia de defesa dos países frente a um processo histórico e poderoso, buscou como alternativa uma melhor adaptação, estando reunidos em grupos e, dessa forma, suavizando suas vulnerabilidades externas. O regionalismo é, esse sentido, uma postura reativa, entregue à necessidade de se tornar mais competitivo justamente num momento em que diminui a capacidade dos Estados de individualmente formularem políticas e regularem os mercados. A série traz um jogo sutil contido em seu próprio nome, onde o singular e plural podem dialogar sem a necessidade de uma relação antagônica.

Trazendo a singularidade para o registro dos folguedos, notamos a existência de eventos singulares, a exemplo das Caretas e Zambiapungas, que no mundo só acontecem no carnaval das cidades de Nilo Peçanha, Cairu e Taperoá. E a presença de folguedos plurais que ocorrem em todo o estado e em boa parte do país, a exemplo da Festa de Reis, que ocorre sempre no final do ano, mas que possui característica diversificada em cada localidade, "já disse que a cultura

popular baiana estende sua geografia até onde chegarem o Terno de Reis, o baile pastoril e a cantoria de reis.” (ARAÚJO, 1986, 133).

Devemos levar em conta também a relação identidade local e identidade nacional. Renato Ortiz levanta esse questionamento com relação à cultura popular atrelada à questão do Estado, já que falar em cultura brasileira é discutir os destinos políticos do país. A cultura se transforma em ação política junto às classes populares. A descoberta das manifestações da cultura popular permitiria a identificação e a construção da identidade nacional. Para Stuart Hall, o discurso da cultura nacional constrói identidades que são colocadas, de modo ambíguo, entre passado e futuro. “As culturas nacionais são tentadas, algumas vezes, a se voltar para o passado, a recuar defensivamente para aquele “tempo perdido”, quando a nação era “grande”; são tentadas a restaurar as identidades passadas.” (HALL, 2005, 56). Nesse ponto, concordo com Ortiz, a série Bahia Singular e Plural entra nesse debate à medida que leva ao plano nacional os aspectos das manifestações da cultura popular baiana, onde passado e presente se relacionam fortalecendo a continuidade desses eventos nessas localidades. Mas o passado aqui serve como orientação para a manutenção da cultura, mas percebe-se na série que as manifestações sendo dinâmicas se adaptam ao tempo em que convivem.

A produção dos programas também se preocupou em envolver os participantes em uma leitura de suas próprias atividades. Para isso, em algumas comunidades que os documentários foram produzidos, houve uma exibição para a comunidade. A recepção desse produto atingiu dois elementos: de um lado houve um impacto extraordinário na alta estima dos moradores que se viram reconhecidos pela sociedade e, por outro lado, houve críticas quanto ao silêncio do Estado às manifestações da cultura popular, “o capitalismo acostumou-nos a enxergar a cultura do povo através de um espetacular espelho retrovisor” (NESTOR CANCLINI, 1983, 107). Isso demonstra que a povo tem seus conceitos próprios em relação à sociedade que vive.

A concepção de um novo produto midiático produzido sob um enfoque cênico da cultura popular altera a recepção de uma mesma informação que, após ser apropriada midiaticamente, recebe uma nova recepção do público e, nessa alteração, deve-se levar em consideração que “aquilo que se poderia chamar o valor de uso na recepção dos bens culturais é substituído pelo valor de troca” (HORKHEIMER e ADORNO, 1978, 195).

Dessa corrente de representações, o indivíduo só guarda o que a sua própria cultura vivida lhe permite selecionar e avaliar. Mas para que essa crítica das mensagens exista, ressalta Bosi, é necessário que o sujeito conheça outros ritmos além do da indústria de signos.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Annablume/Hucitec, 2002.

BENJAMIM, Walter. *Obras escolhidas. Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BOSI, Ecléa. *Cultura de massa e cultura popular: leituras de operárias*. Petrópolis: Vozes, 1972.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Mostra de cultura popular*. SESC, s/ cidade, s/ data.

HALL, Stuart. Da diáspora – Identidades e Mediações Culturais. BH: Ed. UFMG, Brasília: UNESCO, 2003.

HOBSBAWM, Eric J. & RANGER, Terence (orgs.). A invenção das tradições. Tradução de Celina Cardim Cavalcante. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984, p.09-23.

JOLY, Martine. Introdução a análise da imagem. SP: Editora Papirus/Campinas, 1996.

MACLUHAM, Marshall. Os meios de comunicação como extensão do homem. SP: Editora Cultrix, 1964.

MARTIN-BARBERO, Jesus. *Dos meios às mediações.* Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

ORTIZ, Renato. Cultura popular: românticos e folcloristas. SP: Olho d'água, 1992